



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião com autoridades do estado do Maranhão
São Luís-MA, 05 de maio de 2009**

Presidente: Quem fizer uma pergunta inteligente vai receber uma resposta inteligente.

Jornalista: (incompreensível) algum remorso de ter apoiado o Cafeteira a senador (incompreensível)?

Presidente: Não, porque a política você faz em função da realidade de cada momento político. Governar um país do tamanho do Brasil significa que você tem que construir uma base de apoio, porque não é possível nem o Lula, nem um outro presidente da República governar o País se ele não construir uma maioria no Senado e uma maioria na Câmara. É preciso construir essa maioria, porque qualquer projeto de lei, qualquer medida provisória, você precisa construir uma maioria para votar. Eu acho que nós construímos uma maioria que até agora só me fez perder uma votação, que foi a CPMF. O senador Cafeteira tem votado 99,9% das coisas dele com o governo, e eu acho que é disso que nós precisamos quando estamos na Presidência da República. Isso não impede que o PT continue se construindo em todos os estados do Brasil.

Jornalista: (incompreensível) não apareceu na televisão ainda...

Presidente: Eu não apareci na televisão, como não apareci em outros lugares, porque eu não apareci em todos os estados. Eu apareci onde havia condições para que a gente aparecesse.



Jornalista: Presidente, o senhor tenta fazer uma aliança PT/PMDB nacional?

Presidente: Deixem-me contar uma coisa para vocês. A não ser que eu já tenha falado a contento sobre a minha visita à enchente, eu gostaria que a gente deixasse as eleições (incompreensível) discutir, eu voltarei aqui como cabo eleitoral de uma candidata (inaudível).

Jornalista: O senhor falou que precisa ter um projeto elaborado para poder receber os recursos. Nesse caso de emergência, não teria alguma forma de tentar amenizar, diminuir essa burocracia?

Presidente: Não depende do governo federal. Isso é lei que existe e que nós temos que cumprir. Afinal de contas, o dinheiro é público. Para (incompreensível) emergência, você tem critérios para caracterizar uma emergência, e você tem Tribunal de Contas, tem Ministério Público... Se um funcionário público federal liberar um recurso e for entendido pelo Tribunal de Contas ou pelo Ministério Público como uma liberação equivocada, você vai pagar um preço muito caro porque essa pessoa será processada e ele próprio terá que contratar advogado para se defender.

Então é importante que o prefeito, que o governador, que a governadora, que os prefeitos e que o Presidente da República não transgridam as normas legais vigentes para que a gente possa cuidar com carinho da coisa. Se todo mundo fizer certinho, sairá muito mais rápido do que se a gente tentar dar um jeitinho.

Jornalista: Presidente, duas perguntinhas. Primeiro: por que o senhor não escolheu a Roseana em vez da Dilma Rousseff?

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa. Primeiro, todo mundo sabe que a



Dilma Rousseff é a minha candidata à Presidência. Obviamente que ela precisa passar pelo crivo ainda dos partidos políticos, ela tem que passar pelo crivo dos partidos aliados, pelo crivo do PT, portanto é uma intenção minha que não está aprovada pelos fóruns partidários. Nós ainda temos um ano pela frente para discutir essas coisas, o Brasil certamente terá muitos candidatos. E eu acho que o que é importante é que a gente ganhe essas eleições.

Jornalista: Presidente, é o seguinte: o senhor nunca fez uma aliança PT e PMDB em nível nacional, mas aqui no Maranhão existe uma ala radical do PT que não permite essa aliança, inclusive a governadora Roseana Sarney nomeou um membro do PT secretário e a direção estadual quer expulsá-lo do partido. Eu queria saber o que o senhor vai fazer em relação a isso?

Presidente: Nós temos que conviver com essas adversidades, gente. Nem todo mundo é católico, nem todo mundo é evangélico, nem todo mundo é ateu, ou seja, cada um faz aquilo que acredita que seja importante. O que é importante é que as pessoas com posição A ou posição B não percam a referência do bom senso. É preciso que a gente analise politicamente cada momento na tomada das decisões. A gente não pode fazer a política do principismo, porque muitas vezes você só perde com isso, muitas vezes você só perde com isso.

Olha, o estado do Maranhão é um estado que está precisando de ajuda do governo federal, e nós precisamos que este estado tenha tranquilidade, que os políticos deste estado estejam – sem abrir mão das divergências políticas – harmonicamente pensando no bem comum do povo do Maranhão, porque nós poderemos fazer muita coisa aqui para o Maranhão se houver harmonia entre os políticos daqui. Eu, às vezes, não consigo compreender porque a divergência entre dois seres humanos políticos chega a ponto de você impedir que alguma coisa aconteça em uma região do País. As pessoas não percebem



que, muitas vezes, com a divergência e o radicalismo, às vezes quem perde não são os adversários a quem a gente quer fazer oposição, quem perde é o povo que passa a ser vítima das coisas que não acontecem.

Ora, quando a gente chega a Presidente da República, meu caro, a responsabilidade é de tamanha grandeza, é de tamanha grandeza, que a gente não tem tempo de pensar em coisas pequenas. Se eu ficasse pensando em coisa pequena, o Brasil não teria chegado ao ponto em que chegou. O Brasil é respeitado hoje e o Brasil está em uma situação mais confortável do que países desenvolvidos, porque em alguns momentos nós fizemos as coisas corretas. Às vezes, mesmo companheiros do PT eram contra.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, eu não puxo a orelha de ninguém. Quem sou eu para puxar a orelha de quem quer que seja! Eu acho que cada pessoa tem que ter consciência para saber as atitudes políticas que toma. Eu tenho as minhas responsabilidades, não abro mão delas, e quero discutir qualquer coisa que leve o povo brasileiro a viver um pouco melhor do que ele vive.

Gente, a última pergunta, por favor.

Jornalista: O PT radical no Maranhão quer apoiar o Flávio Dino, candidato do PCdoB.

Presidente: Primeiro, eu acho muito cedo para a gente pensar em quem quer que seja candidato a deputado, candidato a senador, candidato a governador, a alguma coisa. Essas coisas vão acontecer no tempo certo. No tempo certo, os partidos irão escolher.

Jornalista: As obras do PAC no Maranhão estão paradas?



Presidente: Eu vou repetir uma coisa que eu disse ali, na minha fala. Quando acontece uma catástrofe como esta que está acontecendo aqui, de excesso de água, excesso de chuva, como aconteceu em Santa Catarina, como está acontecendo no Piauí, como está acontecendo agora na Bahia, que eu fui informado que já morreram cinco pessoas em Salvador... Quando acontece uma catástrofe como esta, nós precisamos saber que nós temos que trabalhar com alguns critérios. O primeiro critério é o de tentar tirar as pessoas da área de risco. O segundo critério é garantir que essas pessoas tenham lugar para ficar. O terceiro lugar é a gente garantir a saúde, o terceiro, o quarto lugar é a gente garantir alimento para essas pessoas. Garantido isso, nós temos que esperar os efeitos da catástrofe passarem, para que a gente possa começar a recuperar a cidade. Uma ponte a gente só pode consertar quando o rio estiver vazio, uma estrada a gente só pode consertar quando ela não estiver mais alagada.

Jornalista: Essa família que o senhor recebeu agora, o que o senhor conversou com a família, Presidente?

Presidente: Essa família, os meninos que estavam aí perderam o irmão e a mulher. Houve um desbarrancamento, caíram algumas casas e caiu a casa deles. Qual é o critério – até pedi para que meu assessor anotasse o nome deles – porque primeiro é preciso fazer uma avaliação se o local é inadequado para as casas ou se só foi aquele local em que estava a casa deles. Se só foi aquele local, você tem que fazer, os engenheiros é que sabem disso, um muro de arrimo, manter as pessoas lá e construir novas casas. Se não tiver segurança, nós vamos ter que tirar todas as pessoas que estão lá e levar para outro lugar.

No programa Minha Casa Minha Vida, nós temos 77.270 casas para o



Maranhão, portanto, nós temos casas para resolver parte deste problema. O que eu pedi para as pessoas? É que muitas vezes, as pessoas que estão em área de risco, mesmo quando você as tira para um lugar mais seguro, elas querem voltar para onde já estão habituados a morar e nós não podemos deixar. Eu conto sempre um caso que é muito simbólico: quando em Belo Horizonte, há quatro anos, um senhor teve a sua casa desbarrancada e perdeu seis filhos. O que nós descobrimos, depois? Aquele senhor tinha ganho uma casa da prefeitura, ele tinha mudado com os filhos dele e depois ele voltou com os filhos para a casa que estava na área de risco. Aí a casa cai e morrem seis filhos. É um sofrimento muito grande, que nós precisamos preservar [evitar].

Jornalista: (Incompreensível) do PAC no Maranhão estão praticamente paradas. A primeira avenida de acesso ao centro de São Luís está parada, avenida Santos Dumont, parada. (incompreensível) uma obra de R\$ 111 milhões. O que o senhor pode fazer no sentido de fiscalizar essa situação, seus técnicos...

Presidente: Primeiro, é preciso saber porque essa obra está parada.

Jornalista: Está praticamente parada.

Presidente: É preciso saber porque ela está parada.

Jornalista: Obra da companhia de (incompreensível)

Presidente: O que nós estamos descobrindo no Brasil de hoje é que o problema do Brasil não era apenas a questão de dinheiro, era a questão de falta de projetos concretos para fazer as coisas. Hoje, nós mantivemos todos os recursos do PAC. Agora mesmo comuniquei à Roseana que nós estamos



trabalhando mais 30 milhões para as obras de drenagem aqui na cidade de São Luís. É importante ver – e a Governadora, certamente irá ver isso, porque ela, também, está há pouco tempo no governo – porque essa obra não está andando. Da minha parte, eu gostaria que essas obras estivessem andando e gostaria que elas estivessem trabalhando em dois ou três turnos para gerar mais empregos para o povo do Maranhão.

A última pergunta.

Jornalista: O senhor passou sete anos sem vir ao Maranhão. Veio agora nesta situação de calamidade. O senhor retornará a São Luís do Maranhão para as festas juninas?

Presidente: Eu não posso... O pior é que no Brasil... Deixe-me contar para vocês, uma coisa. Caruaru se acha a terra mais importante da festa de São João. Campina Grande acha que o São João de Campina Grande é o maior do mundo. Aracaju acha que é o maior. Agora vocês estão dizendo que o de São Luís é o melhor. Eu não posso passar quatro noites dançando festa de São João. Se eu decidir vir a uma, eu vou pedir para a Roseana me levar um filme do São João daqui. O Marcelo Déda vai levar um de Sergipe. Vou pegar um de Campina Grande, um de Caruaru, e vou ver qual é o melhor lugar. A única coisa que eu sei é que lá em São Paulo nós não temos São João.

(\$31EGJLP)